

SEA DEVILS / 1953

(Gigantes em Fúria)

Um filme de **RAOUL WALSH**

Realização: Raoul Walsh / **Argumento:** Borden Chase, vagamente inspirado em "Les Travailleurs de la Mer" de Victor Hugo / **Fotografia:** Wilkie Cooper / **Direcção Artística:** Wilfred Singleton / **Música:** Richard Addinsell / **Figurinos:** Elizabeth Agombar / **Montagem:** John Seabourne / **Intérpretes:** Yvonne De Carlo (Drouette), Rock Hudson (Gilliatt), Maxwell Reed (Rantaine), Denis O'Dea (Lethierry), Michael Goodliffe (Ragan), Bryan Forbes (Willie), Jacques Brunius (Joseph Fouché), Gérard Oury (Napoleão), Ivor Barnard (Benson), Arthur Wontner (Barão de Vaudrec), Laurie Taylor (Blasquito), Keith Pyott (General Latour), René Poirier (Dupré).

Produção: David E. Rose, para a RKO / **Cópia:** do Norsk Filminstitutt (Oslo), em 35mm, colorida, versão original com legendas em norueguês e legendada eletronicamente em português, 87 minutos / **Estreia Mundial:** Junho de 1953 / **Estreia em Portugal:** Politeama, em 5 de Agosto de 1954 / Reposto comercialmente na década de 60.

Costuma dizer-se que os grandes cineastas estão sempre a fazer o "mesmo" filme. Para além da recorrência de temas, personagens, etc., destaca-se também a abordagem sucessiva que um realizador faz, por vezes, da mesma história, surgindo cada filme como uma "variação" dela. O exemplo tradicional é Howard Hawks com a trilogia **Rio Bravo**, **El Dorado** e **Rio Lobo**, mas a este juntam-se muitos outros, que tocam na mesma tecla, frequentemente a pretexto de uma "nova" versão de um filme já feito, forma de expor as mesmas personagens em idênticas situações, mas com reacções e discussões amadurecidas pela experiência dos anos de vida que o autor leva em cima. Raoul Walsh foi um dos que parecem ter usado mais frequentemente, e de forma mais pessoal, tal método. Temos, por um lado, as novas versões que ele fez de filmes anteriores (**Objective, Burma!** transformado em **Distant Drums**, **The Strawberry Blonde** passando a **One Sunday Afternoon**, **High Sierra** metamorfoseado em **Colorado Territory**, **Marines, Let's Go**, revisão das aventuras de Flagg e Quirt de **What Price Glory?**, e temos, por outro, no mesmo sentido dos referidos filmes de Hawks, um **Cheyenne** que contém muitas das ideias de **The Tall Men/Duelo de Ambições** e este **Sea Devils** que parece (e é) uma variação de **The World In His Arms**. De facto, estes dois filmes têm muito em comum, o que em parte talvez se deva a terem sido escritos pelo mesmo argumentista, Borden Chase, mas a verdade é que tal não acontece com outros argumentos de Chase para outros realizadores.

Sea Devils tem como ponto de partida um conhecido romance de Victor Hugo, "Les Travailleurs de la Mer", mas é exactamente apenas isso, um ponto de partida, não havendo praticamente qualquer relação entre o romance e o filme, o que se explica possivelmente pelos direitos comprados e nunca utilizados, como aconteceu com uma novela B, **The Tall T**, que Bud Boeticher usou para um dos seus grandes filmes, sem qualquer relação com o livro, ou, para nos ficarmos em Walsh, com **They Died With Their Boots On**, transformado na história do massacre de Little Big Horn para o conhecido filme de Walsh, quando era um "western" centrado à volta da figura de Wesley Hardin (que Walsh também filmaria com o título de **The Lawless Breed**). Praticamente a única relação do argumento de Chase com o romance de Hugo era o nome do herói, Gilliat (e a

sua profissão de contrabandista) e o nome da região, a ilha de Guernesey (local de exílio do escritor francês). Tudo o resto é uma pura história de aventuras e uma variação mal disfarçada de **The World In His Arms**. Aliás, mesmo que não seja o seu filme imediato, o começo de **Sea Devils** estabelece um *raccord* perfeito com o final de **The World In His Arms**, com o barco de Gilliat rasgando as águas do canal da Mancha, e a sua conclusão é praticamente decalcada do fim deste filme. **Sea Devils** é, simultaneamente, uma variação muito próxima de **The World In His Arms** e o seu reverso. Ou melhor, se **The World In His Arms** é uma afirmação luminosa da aventura cinematográfica, a sua imponente faceta solar, **Sea Devils** é o seu "oposto", a imagem "lunar" dessa mesma aventura. Sendo simbolicamente "contrários", Sol e Lua não podem viver um sem o outro, são complementares, faces da mesma moeda. **Sea Devils** não afirma, por isso, essa imagem da aventura com o mesmo fulgor do outro filme, antes se difunde na escuridão, e o mar não tem a mesma transparência em ambos, estando mais "apagado", remetido para a ordem do inconsciente, em **Sea Devils**. A luz e a sombra são, de certo modo, as atmosferas em que vivem os dois filmes. E a Lua é a protectora de Gilliat, que vive debaixo dela nas suas actividades, sendo um dos muitos "les favoris de la lune" de que falava Otar Iosseliani. Aqui temos, tal como em **The World...**, um aventureiro voluntarioso e forte, mas que se manifesta confiante e ingénuo nas suas relações com as mulheres, que se apaixona de um momento para o outro por uma mulher que mal conhece mas em quem confia de imediato. Ao descobrir o logro (mesmo que não o seja inteiramente) revolta-se e procura, de imediato, um ajuste de contas, sem se interrogar sequer sobre os motivos do que aconteceu. Num caso como no outro, o herói tem um rival da mesma força e ordem que ele, mas sendo **Sea Devils** o lado sombrio da aventura, este "doppelganger" é mais perigoso, assume inteiramente o seu lado mau. O herói, como em **The World...** tem também um cúmplice, companheiro de aventuras, e um adversário histórico de peso, a Rússia czarista no primeiro, a França napoleónica no segundo. Na verdade, a escolha de um e outro não parecem ser devidos ao acaso, e isto tem a ver com a época em que os filmes foram produzidos. Estava-se em plena histeria anti-comunista, e Walsh não tinha quaisquer simpatias por este sistema totalitário. Daí que **The World...** se apresente com um maniqueísmo grosseiro (os russos torturam e mutilam os presos e destroem as focas; os americanos defendem as liberdades, e "só" matam os machos desnecessários) e a França revolucionária seja tão maltratada como o foi, ao mesmo tempo, por Michael Powell em **The Elusive Pimpernel**.

Mas em relação a **The World...**, **Sea Devils** apresenta uma mudança de vulto, e que é a personagem feminina. Neste filme entra em cena aquela que se torna a mulher walshiana por excelência nesta década, Yvonne De Carlo, ao lado de Jane Russell. Ela introduz nas personagens femininas de Walsh uma variante importante que tem a ver com a tomada de iniciativa e o domínio da acção. Se podemos ver já algo de semelhante no filme anterior, a verdade é que Ann Blyth não apresenta o físico e a sensualidade das outras duas, que tornam a mudança bem mais sugestiva, e se toma a iniciativa, não tem, ao contrário de De Carlo e Russell a iniciativa da acção. Se, como já dissemos, **The King and Four Queens** se destaca pelo facto do actor arquetípico da "masculinidade" no cinema, Clark Gable, aparecer praticamente impossibilitado de se mover, esta impossibilidade é ainda mais radical em **Sea Devils**. Rock Hudson (apesar de tudo o que depois se revelou), era, então também um ícone da masculinidade, e passa grande parte do filme amarrado ou preso. Pelo menos quando é mais "necessário", cabendo a Drouette (De Carlo) os custos da operação. São mudanças que o cinema de Walsh vai acentuando cada vez mais ao longo da década de 50.

Manuel Cintra Ferreira